

Na Plateia e No Palco, ou Testemunha e Protagonista

ABERTURA OU PRÓLOGO...

(04/12/2023)

https://docs.google.com/document/d/1CpBfycGSJ2wBXMvP_jJKxc5yCC0coukz1GUbkmbCgo/edit?usp=sharing

Sei que tenho acumulados muitos textos que poderiam compor um livro, basicamente autobiográfico, mas não defini ainda uma estrutura e um roteiro. Como meu pai, sempre gostei de contar histórias, mas em geral são parágrafos isolados, cuja memória foi suscitada por algum outro motivo de conversa. Um livro pode ser a representação gráfica de uma conversa em que um assunto puxa o outro. Essa cadeia é que preciso definir, com maior relevância para o ponto de partida.

Muito de minha organização é cronológica, dentro de uma sequência histórica. Se quisesse seguir esse modelo, teria que começar com genealogia, contando também onde e quando nascemos, nossa infância... Acho sem graça como ponto de partida, e só interessaria a quem se interessasse por genealogia. Tudo isso pode vir depois, no andamento do assunto.

Outro detalhe que acho importante, e não pretendo menosprezar ao discorrer sobre o que vi, ou no que participei durante meu quase um século de existência, é o que vivi durante setenta anos com minha querida namorada. Durante dezessete anos vivi com minha família original, mas do que veio depois, não o tenho como deslindar, separando o que foi meu ou era dela (Valderês). Ela rabiscava tudo, mas pouca narrativa, ou texto acabado nos deixou. Não tenho condições de escrever uma biografia isolada. Nossas vidas estiveram entrelaçadas: no caso dela dos 20 aos 90, e no meu dos 17 aos 87.

Também tenho observado que a conversa com alguém, ou em grupo, aguça minha memória e aprimora minha criatividade. Muito de meu desempenho certamente deve ser creditado ao meu convívio com minha companheira para quem costumava relatar tudo que parecia relevante, bem como discutir dúvidas e rever decisões e resultados. Não é difícil compreender o fenômeno da parceria mental, no qual se amplifica o potencial de nossa mente, quando conjugada com outra ou outras...

(05/12/2023)

Prosseguindo nessa mesma linha, estive pensando que um bom início de conversa seria um ponto marcado por uma reviravolta em minha vida (houve época em que estive de moda usar a palavra equivalente em francês: bouleversement...). Acho que o mais importante, foi quando tomei, por mim mesmo, sem o conselho ou sugestão de ninguém, tomei a decisão de abandonar o planos de seguir estudos para engenharia, e optar por medicina. Em 1951, eu estava no segundo ano do Curso Científico, no Colégio Santa Maria - na cidade onde nasci - concluía o secundário no ano seguinte. Havia até comprado "El Manual del Ingeniero" dois ou três volumes, da Livraria Atheneu, expressão de minha pré-escolha de futura profissão, e fantasia de já a estar vivenciando por antecipação. Lembro-me de folhear os volumes, e ficar embevecido com as ilustrações e os gráficos, dando asas à imaginação...

Nessa mesma época apareceu em Santa Maria uma linda jovem caxiense, decidida a fazer medicina, um pouco mais velha que eu, mas pela qual me apaixonei, e afinal, consegui conviver durante setenta anos, e constituir uma família. Ela terminara o curso de preparação de professora, na Escola Normal Santíssima Trindade em Cruz Alta, onde cursou como aluna interna durante sete anos, pois sua família havia se transferido para Santa Catarina.

É possível que circunstâncias dessas migrações internas possam ser detalhadas em outro momento, mas ao chegar como menina nova na cidade, disse ter sentido uma certa rejeição, exceto por parte de uma que logo se tornou sua amiga e conselheira, Maria José Pires da Rocha. Casualmente esta amiga, um pouco mais velha que nós (1928) era também minha amiga. Ela era filha de um dos maiores amigos de meu pai (Meu pai: Bortolo Achutti; e o pai de minha amiga Dr. Francisco Mariano da Rocha, fundador da Faculdade de Farmácia de Santa Maria, e tio do Dr. José Mariano da Rocha Filho, mais tarde fundador da Faculdade de Medicina, e da Universidade Federal de Santa Maria, a primeira universidade brasileira fora de qualquer capital de Estado).

Na época, e ao menos para nós, associações ligadas à igreja eram provavelmente uma das melhores opções de socialização. Na Ação Católica, Maria José liderava as meninas, e eu - mais ou menos - os rapazes. Inventamos um ponto de encontro para jovens e estudantes, na sede da associação, e o chamamos de "Bar...zinho". Eu era um dos zeladores e frequentadores mais assíduos (nunca teve grande afluência), e Valderês logo se engajou e vinha com frequência conversar comigo, e contar de suas histórias e incertezas. Lembro-me de ela ter me contado que desde o terceiro ano ginasial havia decidido que queria ser médica e dona de um hospital. Engajou-se no curso preparatório para professores porque não havia curso científico em Cruz Alta, e porque pensou em poder logo conseguir um emprego que garantisse seu auto sustento, e o acesso ao resto de seus planos.

Na nossa cidade foi contratada como professora primária no Colégio Sant'Ana, das mesmas freiras franciscanas onde completou o curso Normal em 1950, entretanto contraindo uma dívida negociada para ser paga recebendo somente parte do salário como professora. Veio cursar o Científico noturno, recém criado, onde anteriormente era a Escola Normal Olavo Bilac.

Nossos encontros reforçaram minha paixão, e um dia me juntei de coragem e lhe perguntei se tinha namorado. Disse-me que um ou dois colegas tentaram abordá-la, mas ela não pensava nisso no momento. Seus objetivos eram outros... Eu insisti e me declarei pra ela (lembro-me bem do momento e local. Foi junto a um portão grande de ferro, se não me engano verde, que dava acesso para o pátio, entre a casa canônica e o Salão Paroquial, e sede da Ação Católica, e do "Bar...zinho"). Disse-lhe que estava apaixonado e gostaria que ela considerasse a possibilidade de tentarmos, e que eu até havia desistido da engenharia para acompanhá-la na Medicina...

Fui rejeitado, mas não desisti, levando em conta nossas conversas prolongadas, com o pretexto de cuidar do ponto de encontro. Ela foi até agressiva: "o que é que eu quero com um guri?". "Sabes nossa diferença de idade?" eu lhe respondi exagerando: cinco anos!... Vi que ela se assustou, pois não era essa a resposta que esperava...

Assuntos que não poderão faltar:

Cardiologia Pediátrica
Febre Reumática
Hipertensão Arterial
Doenças Crônicas NT
Fatores de Risco
Promoção da Saúde
Cirurgia cardíaca
Residência médica
Cardiologia evolução
Epidemiologia

Estou tendo uma idéia, parece que um pouco diferente sobre o desenvolvimento do projeto (26/12/2023 - 17:45)

Se possível fazer o lançamento do livro bem antes dos noventa
Não tentar colocar tudo que já foi elaborado ou que venha na telha.
Fazer este com a intenção de continuar, ou sem a pretensão de esgotar o assunto
Listar potenciais fontes de continuidade, ou de pesquisa histórica.
Decidir sobre imagens, em que proporção? Coloridas ou PB? Possível recurso eletrônico...
Não está descartada possibilidade de ser, ou se articular com e-Book
Tentar não elaborar capítulos muito extensos. Preferência para estilo artigo de jornal.
Quem sabe entremeados por artigos de jornal, mantendo mais ou menos o estilo...
Assim, cada segmento teria a extensão de uma ou duas páginas, mas com sequência
O prólogo já deveria ser mais ou menos assim, abrindo curiosidade para depois...
Vamos tentar

Achados com potencial de aproveitamento:

<https://amicorextension.blogspot.com/2012/10/luiza.html>

Na Platéia e no Palco...

https://docs.google.com/document/d/1lCpBfycGSJ2wBXMvP_jKxc5yCC0coukz1GUbkmBcGo/edit?usp=sharing

Quando me dei conta, vi que já estava com quase noventa anos...Se contar a partir do parto - aparado pela minha bisavó, **Maria Luisa Link Cechella**, em 01 de julho de 1934, em Santa Maria (RS) - ainda falta um pouco, mas se levar em conta minha gestação, devo ter sido concebido aí por 26 de outubro - aniversário de casamento de **Dona Luiza Adamy Cechella** e **Bortolo Borin Achutti**, ou dois dias depois, aniversário de meu pai...

Mal comecei, e já estou divagando... mas minha intenção era de conversar comigo mesmo, enquanto tento contar histórias para quem tiver a curiosidade de me espiar. Na primeira versão deste prólogo, eu dizia que estava seguindo o estilo de meu pai, que sempre tinha algo para contar, do que viu, do que fez, ou do que ouviu do pai dele, ou de outro alguém. É bem provável que por aí esteja o interesse do meu pai pela fotografia. Com uma imagem ele conseguia contar muito mais do que com o discurso. Todo mundo o conhecia com uma máquina fotográfica a tiracolo. Deixou muita história retratada, que permite a cada um completá-la com sua imaginação. Tão forte a imagem, que meu filho **Professor Luiz Eduardo Robinson Achutti**, se realizou neste domínio...

São as histórias e suas conexões que alimentam nossas mentes que funcionam na base dos encontros, e que estou tentando aqui reproduzir, e não levar meus amigos a viajar por uma paisagem maçante.

Se eu tenho um filho professor de fotografia, ele tinha que ter uma mãe, e então chegamos necessariamente na **Dra. Valderês Antonietta Robinson Achutti**, minha namorada, com quem consegui conviver quase setenta anos.

Eu só morei com meus pais e minhas irmãs (**Lia Maria e Maria Helena**) 16 anos, um ano com meus avós maternos (**Luiz Link Cechella e Amantina Diederich Adamy**). O resto, desde que me apaixonei - exceto por sete anos, desde que vim para Porto Alegre, antes de casar - foi com quem motivou uma reviravolta em meus planos, levando-me a escolher medicina como profissão.

Minha amada, encontrei-a em minha cidade em 1951. Ela havia concluído em 1950 o curso para a formação de professores, na Escola Normal Santíssima Trindade em Cruz Alta, como aluna interna durante sete anos, desde o início do curso ginásial. Seus pais **Guido Affonso Lichtler Robinson e Lea Pisani**, de Caxias do Sul, haviam se mudado em 1938 para Rio do Sul - depois Tangará - no Sudoeste de Santa Catarina, e lá só existia o curso primário. Ela contava que desde o terceiro ano ginásial havia escolhido sua futura profissão: queria ser médica e dona de um hospital.

Eu estava cursando o segundo ano do Curso Científico no Colégio Santa Maria, dos Irmãos Maristas, todo engajado para fazer o vestibular para Engenharia, tanto é que, com a fantasia de futuro engenheiro, havia adquirido uma coleção da

Livraria Atheneu chamada “El Manual del Ingeniero”, que terminei dando para um colega de turma, com o qual me preparava para o vestibular.

Na época, uma reviravolta como essa, podia se chamar de “bouleversement”, já que eu havia estudado francês desde o curso primário, orientação cultural da congregação de “*le petis frère de Marie*”. Graças à minha decisão pessoal, que não contou com o conselho ou influência de ninguém mais, consegui me redirecionar para o caminho da medicina, cuja história pretendo recontar.

Pensando bem, eu já tinha outros pretextos para seguir o caminho, que no final, e muito bem acompanhado, terminei escolhendo: minha bisavó foi parteira famosa, (tem até nome de rua em minha terra natal: Rua Maria Luísa, na antiga Vila Beck), tinha dois tios, irmãos de minha mãe (**Tio Nilo e Tio Ary**) médicos, meu pai e minha irmã farmacêuticos. É possível que minha opção inicial tenha sido outra que medicina, até para diversificar o perfil dominante da família. Já pensei na fantasia de construir pontes, ou edificar, juntando e encontrando elementos isolados, o que de certa forma, também tentei fazer com as oportunidades que me apareceram na medicina...

Depois de 1951, fica cada vez mais difícil separar e distinguir o que é meu do que é nosso. Felizmente tivemos um convívio e uma troca progressiva em tudo, também no terreno profissional. Nos últimos dez anos de vida dela, pelas limitações progressivas da doença, fomos infelizmente perdendo cada vez mais a possibilidade de exercitar e aproveitar das vantagens de um intercâmbio mental. Fica difícil contar minha história isoladamente. Ela estava presente em tudo, se não fosse para discutir dúvidas, era para contar frustrações e sucessos, traçar planos, imaginar resultados.

Pretendo contar algumas histórias relacionadas com nossa atividade profissional que preencheu grande parte de nossas vidas, mas antes de mais nada, além do primeiro filho que já citei (que nos deu dois netos **Júlia Belardinelli Achutti, e Eduardo Belardinelli Achutti**), ela também me ajudou com mais duas filhas **Dra. Ana Lúcia Robinson Achutti** - psiquiatra, e **Lúcia Helena Robinson Achutti**, Jornalista e Advogada (que nos deu mais dois netos: **Pedro Martin Achutti Olivé e Antônio Achutti Olivé**).

Uma idéia muito antiga seguidamente me leva a pensar se nossa relação não era uma resposta a uma pergunta que ela me fez logo que nos conhecemos, e bem no início - lembro-me muito bem até do local onde conversávamos - pois ela havia nascido três anos antes de mim, e eu, afoitamente, com entusiasmo e paixão, perguntei-lhe se tinha namorado. Ela me respondeu que dois colegas de científico tentaram abordá-la, mas que ela só pensava na sua futura profissão. Eu então lhe declarei que também estava apaixonado, e lhe propus fazermos uma experiência, ao que ela me respondeu “*mas, o que é que eu quero com um guri?!...*” “*Tu sabes qual a nossa diferença de idade?*” Eu lhe respondi “*Cinco anos...*” Senti que ela ficou surpresa, pois não esperava essa resposta...

Tenho pensado se não passei a vida toda tentando provar para ela que poderia haver alguma vantagem em namorar um guri, e que eu poderia, apesar da diferença de idade, dar conta do recado...

Se quem estiver me ouvindo, ou lendo, for mais motivado pelas histórias profissionais, pode ficar desiludido, mas eu não poderia deixar de fazer esse preâmbulo que, ao menos em nosso caso, parece que teve influência decisiva em todo o resto da história...

Tentei ser sempre um **Médico Clínico**, mesmo tendo muitos comprometimentos com a cardiologia, como especialidade. Nisso tive constante apoio e parceria de minha companheira. Sempre fizemos questão de nos anunciar na prática, como **Medicina Interna e Cardiologia**. Cheguei a me dedicar durante algum tempo a duas subespecialidades: a **Cardiologia Pediátrica e a Cardiologia Cirúrgica**. Estes são dois capítulos que devem ser abordados no decorrer dessa história. Entretanto logo fui tentado - embora não tenham me ensinado - a contemplar coletivamente os fenômenos que me desafiavam, e a olhar o mundo. Em vez de examinar cada paciente isoladamente, auscultá-lo, ver seu eletrocardiograma e Rx, buscar suas conexões dentro de um todo interconectado, e em permanente evolução.

Não foi descoberta minha, mas oportunidades e desafios que fui encontrando pelo caminho, às quais não resisti. Estava assistindo na plateia, não me contive, e invadi o palco. Esses arroubos, sei que tiveram seu preço, pois abandonei, e perdi meu assento, meu espaço original, meu currículo acadêmico, minhas relações políticas imediatas, deixei de reforçar os laços de amizade com meus primeiros colegas. Mas confesso que foi divertido fugir da mesmice, encontrei novas formas de contemplar o mesmo e o que ainda não vira, achei muitos novos amigos, novas idéias e conceitos. Viajamos por quase todo o mundo, conseguindo que minha querida me acompanhasse muitas vezes; ou quando ficasse, tomasse conta dos nossos clientes durante minhas ausências.

Provavelmente um balanço de nossas andanças, e algumas histórias relacionadas formarão parte de um capítulo: **Viagens**

Quando tento comparar o espetáculo desde que tenho lembrança até hoje, não há dúvida de que quase tudo mudou. Atores, cenários, até o script... Pergunto-me o quanto se deve à minha perspectiva, e capacidade de ver, e interpretar?... Com relação a saúde-doença e medicina, minhas informações iniciais vinham através de eventos comuns da infância: sarampo, coqueluche, caxumba, varicela, dor de barriga, limonada purgativa, vacinas, xaropes, bálsamo alemão, vermífugos, vitaminas, biotônico fontoura, mercúrio cromo, tintura de iodo, pomadas... Quando criança ouvi dizerem que eu sofria de asma, mas nunca mais tive espasmo brônquico. Desconfio que tenha sido alguma broncopneumonia da era pré-antibióticos, da qual até hoje fiquei com algumas poucas bronquiectasias de recordação.

Meu pai era farmacêutico, e eu me criei brincando atrás do balcão, vendo-o atender à clientela, e algumas poucas vezes ajudando-o a fazer o balanço anual do estoque de medicamentos. Aprendi o código que ele usava para esconder o preço dos remédios, era a palavra “*pernambuco*” com dez letras distintas, cada uma equivalente a um algarismo, possibilitando codificar qualquer cifra...

Figuras de médicos, me ficaram na memória: Dr. Francisco Mariano da Rocha, amigo pessoal de meu pai na juventude e fundador da Faculdade de Farmácia de Santa Maria, a partir da qual, seu sobrinho, Dr. José Mariano da Rocha Filho, formou a Faculdade de Medicina, e posteriormente a primeira universidade brasileira fora de uma capital. O Dr. Miguel Meirelles, que foi prefeito da cidade. O Dr. José Moraes, cirurgião. O Dr. Miguel Sevi Viero, que foi nosso professor de biologia no curso científico. Meus tios maternos os Drs. Nilo e Ary Cechella, inicialmente médicos do interior.

Meu pai, como curioso e, acho que, médico frustrado, tinha sempre resposta - ou ia procurar, para qualquer dúvida que se lhe apresentasse. Na adolescência me entregou “O Corpo Humano” publicação em dois tomos, de Fritz Kahn, que eu li do princípio ao fim.

Com relação à Valderês, acho que ela não teve tanta proximidade com a área da saúde-doença, mas sempre me impressionou a história de que desde o terceiro ano ginásial ela teria decidido que queria ser médica e dona de um hospital. Tentei algumas vezes saber algo mais sobre a motivação de um tal projeto, mas não consegui. Ela cita isso em seu diário, mas não consegui mais detalhes. Fala de um tal de doutor Antônio de Tangará, onde morava a família dela, mas não dá para saber mais.

Essas últimas considerações sobre nossas idéias mais remotas, não sei se interessaria incluir no projeto do livro, mas como afluíram, vou deixá-las por aqui, para futura revisão.

Acho que valeria a pena tentar descrever a ideia que nos ficou dos primeiros contatos com a Faculdade de Medicina e a Santa Casa, naquela época, ainda de Misericórdia... Parece-me que o interesse estava voltado quase sempre para a fase mais avançada das doenças, terminais, ou situações de muito alto risco, buscando-se sempre intervenções heróicas, ao alcance da mão do médico. De um modo geral a ênfase não estava na prevenção, e o objeto era o indivíduo, quando não, um de seus órgãos específicos.

Não lembro como tema relevante no estudo da fisiologia a integração dos diversos órgãos e sistemas, nem a dos indivíduos em cada família, ou na comunidade, muito menos uma visão ecológica da natureza. A cadeia causal, a permanente interação, tanto na doença como na saúde, foi algo que aprendi bem depois.

Daí foi evoluindo a especialização, e o olhar cada vez mais concentrado, específico, e mais profundo em cada objeto de estudo e de atuação. As novas conquistas foram reforçando esta maneira de abordar a natureza, em direção ao

microcosmos, perdendo-se a importância da visão de conjunto, e da dinâmica global.

Duas áreas específicas não nos chamavam tanta atenção, ficando então ainda mais distantes do conjunto: a neurologia e a psicologia. São justamente duas áreas muito afins e mais intimamente relacionadas com o funcionamento integrado do organismo. Interessante que nos livros didáticos, como anatomia, fisiologia, estes capítulos estavam localizados mais para o fim do texto, e seguido eram abordados um pouco às pressas, com a desculpa de que o tempo curricular estava se esgotando...

Apesar de todo o progresso científico, faz falta a função integradora dessas duas áreas ou disciplinas, tão essenciais para todas as funções vitais. É possível que a tendência em valorizar a doença, tenha menosprezado a saúde e o papel essencial da integração para qualquer ser vivo.

Como já expressei anteriormente, esse mesmo defeito deve ter seu papel na explicação dos fenômenos sociais, e das dificuldades que temos em lidar com a pessoa humana, integrada em seu conjunto social e em seu mundo.

Costumo dizer que precisamos desenvolver uma habilidade como a do Zoom, disponível em alguns equipamentos, possibilitando a todo momento passar do micro para o macro, e vice-versa. Podemos tirar nosso objeto do contexto para torná-lo utilizável, mas sempre revisando a aplicação de nossa hipótese no conjunto e com as relações de onde saiu.

Pode ser também, que além de outras felizes coincidências, o passo que dei no início da década de 70, aventurando-me, de um simples cardiologista clínico ou de cardiologista de uma equipe cirúrgica, propor um programa de abordagem populacional, não somente contando com a capacidade de um diagnóstico individual e de algum medicamento, mas tendo que desenvolver método e instrumentos de educação para a saúde, comprometer professores, currículo, alunos e famílias...

Os sanitaristas aceitaram desde logo porque a entidade mórbida visada (Febre Reumática e Cardiopatia Reumática Crônica), tinha um componente infeccioso-contagioso, semelhante a outros com os quais estavam acostumados a trabalhar, havia sido recentemente aceita como prevenível, e objeto de um programa preliminar também em teste pela Organização Mundial da Saúde, em países em desenvolvimento, visava primariamente crianças em idade escolar, em número relativamente pequeno e que não iria comprometer os serviços disponíveis.

É oportuno repetir que na época, eu não tinha consciência de todas as considerações que estou fazendo agora. Trata-se de uma análise retrospectiva, passados cinquenta anos.